



SAÚDE MENTAL E A ESCRITA DO FEMININO EM CLARICE LISPECTOR

MENTAL HEALTH AND THE WRITING OF THE FEMININE IN CLARICE LISPECTOR

Cecília Verones Candido de MORAIS¹

Soraya Maria Romano PACÍFICO²

Fabio SCORSOLINI-COMIN³

RESUMO

O objetivo deste estudo teórico é refletir sobre os marcadores de gênero e de saúde mental emergentes nas personagens Joana e Macabéa dos romances *Perto do coração selvagem* e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. As reflexões sobre as experiências de ser e se tornar mulher são narradas a partir do corpo dessas personagens. Sentidos sobre esse corpo circulam em ambos os livros, ora descrevendo a liberdade, o instintivo, a dimensão do prazer, ora representando os limites impostos pela sociedade e por instituições como o casamento e a própria família. O adoecimento psíquico, em ambas, é retratado em termos de um mal-estar que também repousa sobre o corpo, o corpo eminentemente feminino. O domínio sobre a palavra – e o conhecimento acerca de si – emergem como uma possibilidade de dominar o próprio mundo, aspecto este buscado por Joana e temido por Macabéa. Ambas as protagonistas trazem o desconforto desse corpo – ou a insuficiência do mesmo para narrar tudo aquilo que desejam, o que pode ser problematizado não apenas como um movimento de escrita do feminino em Clarice, mas também como uma forma de leitura sobre o cuidado em saúde mental ofertado à mulher.

¹ Graduanda em Enfermagem pela Universidade de São Paulo. E-mail: ceciliamorais@usp.br.

² Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo. Professora Associada e Livre Docente da Universidade de São Paulo. E-mail: smrpacifico@ffclrp.usp.br.

³ Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor Associado e Livre Docente da Universidade de São Paulo. E-mail: fabio.scorsolini@usp.br.



PALAVRAS-CHAVE

feminino; saúde mental; Clarice Lispector.

ABSTRACT

The aim of this theoretical study is to reflect on the emerging gender and mental health markers in Joana and Macabéa in the books *Perto do Coração Selvagem* and *A hora da estrela*, by Clarice Lispector. Reflections on the experiences of being and becoming a woman are narrated from the bodies of these characters. Meanings about this body circulate in both books, sometimes describing freedom, the instinctual, the dimension of pleasure, sometimes representing the limits imposed by society and institutions such as marriage and the family itself. The psychic illness, in both, is portrayed in terms of a malaise that also rests on the body, the eminently female body. Mastering the word – and knowledge about oneself – emerges as a possibility of dominating one's own world, an aspect sought by Joana and feared by Macabéa. Both protagonists bring the discomfort of this body – or its insufficiency to narrate everything they want, which can be problematized not only as a feminine writing movement in Clarice, but also as a way of reading about health care mental offered to the woman.

KEYWORDS

female; mental health; Clarice Lispector.

1. INTRODUÇÃO

Quando aproximamos áreas distintas, como as Ciências da Saúde, a Literatura e a Psicanálise, por exemplo, é importante que respeitemos as singularidades de cada campo, evitando a armadilha de análises utilitaristas que visam a empregar – e a reduzir – a Literatura ou as Ciências da Saúde como ilustrações de fenômenos, relações ou conceitos (PASSOS, 2002). Assim, essas áreas devem ser abordadas em suas porosidades, em contrapartida a uma análise que priorize um determinado saber em relação a outro. É com essa recomendação que este presente estudo buscará compreender, na



obra de Clarice Lispector, como a autora abordou o feminino e a condição da mulher, com destaque para os marcadores de gênero relacionados à sexualidade e à saúde mental (SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010; POJAR; SCORSOLINI-COMIN, 2020).

As relações entre Literatura e saúde mental têm despertado, ao longo do tempo, o interesse de diversos pesquisadores (JUNQUEIRA; SCORSOLINI-COMIN, 2021). No entanto, tais aproximações são, por vezes, investigadas em uma perspectiva que ainda prioriza, no campo da saúde, um olhar mais positivista e biomédico. Esse olhar, obviamente, acaba por diminuir a possibilidade de que a Literatura, de fato, seja mais discutida e incluída em todo o processo de cuidado, como uma dimensão associada ao humano e à fruição. Se estamos mais detidos em uma investigação que prioriza um cuidado especializado e pouco integrativo, ou focado na doença e com menor investimento em humanização, como preconiza o modelo biomédico, o lugar ocupado pela Literatura, muitas vezes, nem sequer é aventado, sendo apartado desse contexto de referência e de produção do conhecimento. Este estudo busca se contrapor a esse cenário, alinhando-se justamente à tentativa de exploração das porosidades entre essas inteligibilidades.

No cuidado em saúde, o contato com a Literatura pode ser um processo humanizador e curativo, permitindo ao leitor a constituição da subjetividade, da identificação, ou não, com os sentidos tecidos no texto literário, movimento que, sem dúvida, pode promover o retorno às narrativas de si e contribuir para reflexões sobre os processos de saúde ou de adoecimento daquele que tem um encontro com o literário (CERIBELLI *et al.*, 2009). Nesse sentido, aproximamo-nos, aqui, de uma discussão no campo da saúde mental que pode se beneficiar de um diálogo com a Literatura. A Literatura, nessa



proposta, emerge como uma possibilidade de humanização (CANDIDO, 2011), de recuperação de aspectos preservados do ponto de vista psíquico que podem permitir ao sujeito uma maior integração e compreensão de si, o que se associa diretamente à promoção de saúde mental (JUNQUEIRA; SCORSOLINI-COMIN, 2021).

Como elucidado pelo Atlas de Saúde Mental das Américas em 2017, a “saúde mental é um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade” (OPAS, 2018). Nas Américas, a cada 100 mil habitantes, 267.7 receberam tratamento para transtornos mentais graves (OPAS, 2018). Com o panorama da pandemia de COVID-19, esses processos de adoecimento mental têm se intensificado devido a fatores relacionados a esse contexto: isolamento social, medo de infecção, perdas humanas e econômicas. Apesar de grande parte dos problemas psicossociais serem respostas às adversidades trazidas pela pandemia, estima-se um expressivo aumento da incidência de transtornos psíquicos nesse período (NABUCO; OLIVEIRA; AFONSO, 2020).

As mulheres são mais vulneráveis ao desenvolvimento de transtornos mentais devido a fatores como desigualdades de gênero, que têm dentre as consequências desde a sobrecarga de trabalho doméstico às altas taxas de violência (SENICATO; AZEVEDO; BARROS, 2018). São muitos os fatores que influenciam no bem-estar e na saúde mental das mulheres. A inserção do trabalho na rotina das mulheres pode somar-se à sobrecarga dos trabalhos domésticos e do cuidado com os filhos, o que pode estar associado ao adoecimento psíquico (ARAÚJO; PINHO; ALMEIDA, 2005). Não obstante ao papel atribuído socialmente à mulher como cuidadora, há a desvalorização



que dá margem à dependência financeira e aos diversos tipos de violência contra as mulheres (SILVA *et al.*, 2019). Destacando a influência do gênero, a ocupação de papéis em função da construção sociocultural da sociedade torna a mulher mais vulnerável a sinais e sintomas de adoecimento mental.

Retomando as relações entre a Literatura e as Ciências da Saúde, é importante conhecer, por exemplo, como essas questões relacionadas ao feminino e à saúde da mulher podem ser retratadas ou problematizadas em diferentes obras, tendo em vista não apenas as ilustrações dessas questões em livros, mas problematizando os marcadores sociais e culturais que costuram essas relações, revelando não apenas sínteses, mas também tensões entre esses vértices. Para isso vamos recorrer, neste estudo, a duas importantes obras de Clarice Lispector: o seu romance de estreia, em 1943, *Perto do coração selvagem*, e o seu último livro publicado, *A hora da estrela*, no ano de 1977.

Não só em suas personagens, mas também na vida da autora esse marco do feminino se revela: após publicar seu primeiro livro, o crítico literário Sérgio Milliet disse, em referência ao nome da autora — “nome estranho e até desagradável, pseudônimo sem dúvida” (MOSER, 2017, p. 165) —, aventando se tratar de um homem. É importante considerar que, à época, início da década de 1940, poucas mulheres haviam se consagrado como escritoras no Brasil, tornando esse meio essencialmente masculino e, também, marcado pelo machismo. Imersa como jornalista no mercado editorial predominantemente masculino, Clarice escreveu para vários jornais sob pseudônimos. Em meados das décadas de 1950 e 1960 escreveu para esses veículos assinando como Teresa Quadros. Também tinha uma página feminina em que escrevia sobre perfumes, joias e conselhos voltados ao público



feminino, mas em algumas ocasiões trazia textos mais sérios e com reflexões que ultrapassavam a superficialidade almejada pela coluna (MOSER, 2017).

Clarice Lispector é reconhecida como a maior escritora brasileira. Em 2020 foi celebrado o centenário do seu nascimento. A vida da autora sempre foi alvo de grande interesse por parte do público (GOTLIB, 2009). Após longo período acompanhando o esposo em seu trabalho diplomático por países como Itália, Suíça e Estados Unidos, retorna ao Brasil no início de 1960, em definitivo. Nessa ocasião, a autora já se separara, assumindo integralmente o cuidado com os filhos. Em uma época na qual o casamento era uma condição inquestionável para a mulher, Clarice mostrou-se à frente de seu tempo por sustentar a separação (o divórcio, no Brasil, só seria possível a partir de 1977), o cuidado dos filhos e, principalmente, a manutenção de uma carreira literária em um meio majoritariamente masculino. Esses são alguns dos marcadores de gênero que emergem em sua biografia, mas que também atravessam a sua produção.

As questões de gênero levantadas pela autora são importantes para a reflexão da sociedade através da ficção literária. Segundo a teoria da determinação social, os processos de saúde e doença são únicos e construídos a partir dos determinantes da esfera da vida em sociedade (GUEDES *et al.*, 2009). Com isso, pode-se dizer que o contexto no qual a pessoa está inserida é incisivo na influência desses processos no cotidiano pessoal. Apesar de tratar-se de um processo dinâmico, muitas vezes a experiência social dos sujeitos traz uma dicotomia entre estar ou não saudável, sendo este adjetivo sinônimo de saúde. Porém, esses processos vão além do biológico e dizem respeito também ao psicológico e ao social: envolvem elementos contextuais relacionados a marcadores históricos, geográficos,



políticos, sociais, econômicos e culturais de uma sociedade ou comunidade (SCORSOLINI-COMIN; FIGUEIREDO, 2018).

Destaca-se, portanto, a relevância da categoria gênero nessa construção de saúde e doença, da sua influência sobre as expectativas sociais do ser e a maneira com que esses condicionantes afetam o bem-estar das mulheres, especificamente. São muitas as desigualdades que interferem na condição social das mulheres: a desvalorização salarial, a sobrecarga do trabalho doméstico, as violências impostas e as vulnerabilidades associadas ao ser mulher, sobretudo em sociedades fortemente marcadas pelo machismo e pelo patriarcado. As iniquidades em saúde são impactadas por “determinantes intermediários como as condições de vida, circunstâncias psicossociais, fatores comportamentais e/ou biológicos e o próprio sistema de saúde”, sendo essa estrutura segregacionista da sociedade um dos motivos para tal (CARVALHO, 2013, p. 20). Com isso, “a incorporação desta categoria analítica [gênero] na epidemiologia social é fundamental para a compreensão das desigualdades sociais e da qualidade que assume o processo saúde-doença em cada sujeito ou em cada grupo social” (FONSECA, 1997, p. 10), tendo em vista a diretriz da integralidade da assistência em saúde preconizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Discutir saúde, nessa perspectiva, é compreender também como esses marcadores de gênero podem contribuir para determinadas ações de cuidado, tanto de reforçamento de políticas de assistência à mulher, de reflexões em torno da área específica da saúde da mulher e mesmo como o atendimento ao sujeito-mulher ocorre nos diversos equipamentos de saúde. Isso toca especificamente em questões intimamente associadas ao feminino, como a saúde reprodutiva, a escuta acerca da sexualidade, a consideração de que a



mulher possui direitos sobre o próprio corpo, entre diversos outros elementos que, frequentemente, ganham destaque por serem tecidas como discussões polêmicas, ou melhor, que polemizam o direito da mulher sobre o próprio corpo e, por extensão, sobre a própria saúde. Com base nesse panorama, o objetivo deste estudo é refletir sobre os marcadores de gênero e de saúde mental emergentes nas personagens Joana e Macabéa dos romances *Perto do coração selvagem* e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.

2. PERCURSO ANALÍTICO

Este estudo teórico foi desenvolvido na modalidade documental. Os livros *Perto do coração selvagem* e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, constituem o *corpus* analítico. A escolha do primeiro e do último livro escritos por Clarice Lispector deve-se ao fato de representarem romances com dois movimentos distintos em relação à escrita do feminino, sendo o primeiro mais voltado a elementos psicológicos e o segundo abarcando também as questões sociais (GOTLIB, 2009; MOSER, 2017).

Em *Perto do coração selvagem* a protagonista Joana traz à tona questões que envolvem o ser e a moral, questionando o bem e o mal e suas experiências. O romance é constituído por fragmentos de memórias, assim como na realidade fora escrito a partir de rabiscos e anotações de Clarice (PRAZERES, 2014), memórias estas que perpassam a infância e a adultez da protagonista, de modo a dar um panorama sobre sua formação e amadurecimento. Diferentemente dos livros que estavam sendo lançados à época, como a chamada “geração de 30”, que tratavam, sobretudo, do regionalismo brasileiro e de questões de ordem social, Clarice evoca na personagem uma literatura introspectiva,



voltada para uma complexidade psicológica e, também, de certo modo, com fortes traços autobiográficos (MOSEK, 2017).

Esse percurso de inovações e autodescobertas leva Joana “numa viagem à procura de uma referência, de uma identidade que venha preencher o vazio de uma existência plena” (PRAZERES, 2014, p. 12) e, ainda, segundo Rosembaum (2002), sua “identidade feminina luta para apropriar-se de si mesma, longe do espelho masculino” (p. 36). Essa existência de questionamentos e de uma identidade inacabada desafiam também a construção patriarcal da sociedade, em que a personagem por diversas vezes traz à tona a moral, a felicidade e o ser mulher.

Em *A hora da Estrela*, Clarice escancara uma pobreza que deflagra mais que a desigualdade social. A protagonista Macabéa era semianalfabeta, pobre e incompetente para a vida (REBELLO, 2013). Como afirmado por Rosenbaum (2002), a autora que outrora escrevera sobre personagens letradas voltadas para a própria solidão e intimidade, em Macabéa evoca outro tipo de feminino, que reflete sobre uma classe social e cultural diferente das anteriormente escritas. Ela é descrita como suja, se alimenta mal e vive em condições de subemprego.

O percurso analítico proposto neste estudo tem como referência os estudos produzidos na interface entre Literatura, Ciências da Saúde e Psicologia (PASSOS, 2002; POJAR; SCORSOLINI-COMIN, 2020; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010; SCORSOLINI-COMIN; FIGUEIREDO, 2018). A partir da identificação dos trechos que narravam sobre o adoecimento psíquico ou sobre o desconforto físico/emocional dessas personagens, buscou-se realizar uma reflexão crítica sobre os marcadores relacionados aos processos de saúde e doença emergentes nessas personagens, tomando por base aspectos



do cuidado à saúde da mulher, a literatura sobre gênero e, também, em relação à sexualidade feminina.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O feminino é abordado de maneiras muito distintas nos livros em tela: em *Perto do coração selvagem*, Joana é descrita a partir de seu universo íntimo e intrapsíquico; em *A hora da estrela*, Macabéa é o estereótipo de uma classe, de um processo migratório que subalternizava a figura do nordestino, processo este que obviamente torna-se mais nevrálgico em relação às mulheres nordestinas.

Joana vai de encontro a paradigmas da sociedade vigentes à época e, direta e indiretamente, discute sobre o ser mulher. Em um trecho que remete ao pensamento clássico de Simone de Beauvoir em “O segundo sexo” (1980) – “ninguém nasce mulher; mas se faz mulher” – Joana revela suas percepções sobre o feminino a partir da observação de Lídia:

E a mulher era o mistério em si mesmo, descobriu. Havia em todas elas uma qualidade de matéria-prima, alguma coisa que podia vir a definir-se mas que jamais se realizava, porque sua essência mesma era a de “tornar-se”. (LISPECTOR, 2017, p. 119)

Essa construção do vir-a-ser mulher e o embate ao destino socialmente pré-determinado das mulheres é refletido em Joana que, quando criança, queria ser herói. Já na vida adulta afirma ser o casamento para ela uma prisão. A essência de “tornar-se” revelava, pois, uma mulher que podia ir respondendo aos desafios que ia encontrando em sua vida, aprendendo a se posicionar como mulher, o que significava, à época, responder de modo contundente em relação ao que se esperava de uma mulher. Insubordinada



ao domínio patriarcal, também questiona a estabilidade do futuro adulto quando mais jovem pergunta à professora o que viria depois da felicidade.

Em *A hora da estrela*, Macabéa também se depara com os estereótipos femininos construídos pela sociedade, mas, ao contrário de Joana, parece ceder a essas comparações, tornando-se aquilo que, socialmente, era esperado dela ou, em outras palavras, não questionando esses posicionamentos reservados à mulher. O próprio narrador, quando começa a descrevê-la, afirma: “[...] trata-se de moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha. Vergonha por pudor ou por ser feia?” (LISPECTOR, 2017, p. 22).

Quando seu namorado, Olímpico, deixa-a para ficar com Glória (colega de firma que é descrita como “roliça, branca e morna” e com um “traseiro alegre”), Macabéa compra um batom vermelho e a colega, chamando-a de feia, insinua que a moça parece “mulher de soldado”. Na tentativa de manter a sua reputação ilibada, Macabéa responde: “– Sou moça virgem! Não sou mulher de soldado e marinheiro” (LISPECTOR, 2017, p. 62). A seguir, ambas as personagens serão analisadas em profundidade.

3.1. PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM

Joana é descrita por diversos adjetivos que remetem não só à sua qualidade de pessoa, mas também à sua qualidade animal: “essencial, apaixonada e cruel” (MOSER, 2017, p. 156). É também chamada de diabo, víbora, de caráter selvagem e para o pai era “secamente boa”, bondade esta “que emergia misturada com certa raiva e desprezo pelas pessoas que a rodeavam” (GOTLIB, 2009, p. 192). Essa natureza selvagem associada ao feminino pode ser recuperada nas seguintes passagens:



Sentia dentro de si um animal perfeito, cheio de inconseqüências, de egoísmo e vitalidade. [...] Repugnava-lhe deixar um dia esse animal solto. (LISPECTOR, 2017, p. 15)

Certamente você estava esperando de mim grandes bondades, apesar do que disse agora sobre minha maldade. Mas a bondade me dá realmente ânsias de vomitar. (LISPECTOR, 2017, p. 123)

Pode-se aventar que essa menção à dimensão do selvagem, da animalidade, tenha ao menos duas possíveis interpretações. A primeira delas é a associação do feminino a uma dimensão mais básica, mais instintiva, representada pela emoção desenfreada e que deveria ser controlada pela razão. Aqui o masculino emergiria como um complemento, como uma possibilidade de controle de uma dimensão selvagem, essencialmente feminina. Também o casamento apareceria como uma instância social capaz de promover esse controle, dando rédeas a essa liberdade representada pelo animal.

Em uma segunda análise, o feminino também pode ser interpretado como uma dimensão que conferiria à mulher a possibilidade de maior conexão com a sua natureza mais básica e instintiva, de modo que isso permitiria à mulher reconhecer-se de um modo muito particular, recorrendo à sua animalidade, recuperando a sua força animal. Em que pese a busca pela humanização tão debatida nas políticas públicas de saúde, a possibilidade de experimentação dessa força selvagem não seria algo que afastaria a mulher de sua condição humana, mas a integraria em relação aos seus instintos e aos seus desejos, representando, de fato, uma força, uma força associada ao feminino, como corporificado por Joana.

Assim como o enredo é constituído por esses fragmentos de memórias e de momentos, as ideias básicas trazidas pela história vão se desdobrando



e pincelando a trajetória da personagem. Joana afirma estar possuída por Otávio, seu marido, de modo que o único medo de se ligar a alguém é a prisão:

Otávio transformava-a em alguma coisa que não era ela mas ele mesmo e que Joana recebia por piedade de ambos, porque os dois eram incapazes de se libertar pelo amor, porque aceitava sucumbida o próprio medo de sofrer, sua incapacidade de conduzir-se além da fronteira da revolta. E também: como ligar-se a um homem senão permitindo que ele a aprisione? Como impedir que ele desenvolva sobre seu corpo e sua alma suas quatro paredes? E havia um meio de ter as coisas sem que as coisas a possuíssem? (LISPECTOR, 2017, p. 24).

Essa influência do domínio patriarcal também se faz presente em outros trechos e outras personagens do livro, nas vezes em que Lídia (ex-namorada de Otávio) divaga sobre seu sentimento pelo ex-namorado: “E sempre o amaria. Inútil seguir por outros caminhos, quando para um só seus passos a guiavam. Mesmo quando ele a feria, ela se refugiava nele contra ele. Ela era tão fraca” (LISPECTOR, 2017, p. 76) e “Temia os dias, um atrás do outro, sem surpresas, de puro devotamento a um homem. A um homem que disporia de todas as forças da mulher para sua própria fogueira, num sacrifício sereno e inconsciente de tudo o que não fosse sua própria personalidade.” (LISPECTOR, 2017, p. 77). E também quando Joana divaga sobre a “mulher da voz” que lhe acompanhava: “Ninguém sabia que ela estava sendo infeliz a ponto de precisar buscar a vida. Foi então que escolheu um homem, amou-o e o amor veio adensar-lhe o sangue e o mistério.” (LISPECTOR, 2017, p. 66).

Joana tinha em seus traços uma genuína “procura de uma verdade interior, ou seja, de uma identidade de *mulher* e de *ser* na sua complexidade” (GOTLIB, 2009, p. 192). Apesar desses trechos que sugerem sua relação com Otávio e



seus posicionamentos patriarcais, como socialmente esperado, a personagem sentia repúdio ao casamento, pois este era motivo de privação de liberdade:

Pois eu não pensava em me casar. O mais engraçado é que ainda tenho a certeza de que não casei... Julgava mais ou menos isso: o casamento é o fim, depois de me casar nada mais poderá me acontecer. Imagine: ter sempre uma pessoa ao lado, não conhecer a solidão. — Meu Deus! — não estar consigo mesma nunca, nunca. E ser uma mulher casada, quer dizer, uma pessoa com destino traçado. Daí em diante é só esperar pela morte. Eu pensava: nem a liberdade de ser infeliz se conservava porque se arrasta consigo outra pessoa. (LISPECTOR, 2017, p. 125)

Assim como Joana, Clarice também se indagava sobre o lugar da mulher. Apesar de ter se casado e ser mãe de dois filhos, ou seja, de aparentemente cumprir o itinerário esperado para uma mulher nas décadas de 1940 e 1950, o ceticismo em relação ao casamento aparece desde seus primeiros escritos (MOSER, 2017). *Perto do coração selvagem* fora escrito quando a autora ainda era solteira, sendo que o seu casamento coincide com o lançamento do livro. A separação de Clarice e Maury Gurgel Valente, em meados de 1959, não foi surpreendente, conforme correspondência na qual Maury afirma que as diretas comparações entre Joana-Clarice e Otávio-Maury são claras em retratar a dificuldade que a autora e a personagem tinham quanto ao amor: “só podia esgotar a paixão através do ódio” (MOSER, 2017, p. 294). “No entanto não era raiva, mas amor. Amor tão forte que só esgotava sua paixão na força do ódio.” (LISPECTOR, 2017, p. 53).

3.2. A HORA DA ESTRELA

Em *A hora da estrela*, os processos de saúde e de doença são evidentes no que se trata do chamado domínio biológico. Macabéa por diversas vezes é



descrita como uma pessoa sem higiene e com péssimos hábitos de vida: não tomava banhos regularmente, comia apenas cachorro quente e coca-cola e trazia, ao longo da narrativa, diversos episódios de adoecimento.

Dos verões sufocantes da abafada rua do Acre ela só sentia o suor, um suor que cheirava mal. Esse suor me parece de má origem. Não sei se estava tuberculosa, acho que não. (LISPECTOR, 1998, p. 31)

Sono superficial porque estava há quase um ano resfriada. Tinha acesso de tosse seca de madrugada: abafava-a com o travesseiro ralo. (LISPECTOR, 1998, p. 31)

[...] tinha medo grande de pegar doença ruim lá embaixo dela [...] seus pequenos óvulos tão murchos. Tão, tão. (LISPECTOR, 1998, p. 33)

Tinha enjôo para comer. Isso vinha desde pequena quando soubera que havia comido gato frito. Assustou-se para sempre. Perdeu o apetite, só tinha grande fome. (LISPECTOR, 1998, p. 39)

Não obstante, Macabéa também evoca um sofrimento psíquico do qual não possui clareza nem consciência:

Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava. (LISPECTOR, 1998, p. 28)

[...] a vida incomoda bastante, alma que não cabe bem no corpo, mesmo alma rala como a sua. (LISPECTOR, 1998, p. 32)

Então defendia-seda morte por intermédio de um viver de menos, gastando pouco de sua vida para esta não acabar. (LISPECTOR, 1998, p. 32)



E quando acordava? Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser. (LISPECTOR, 1998, p. 36)

De certo modo, todas essas incertezas e questionamentos refletem em sua saúde mental e em seu amadurecimento emocional, principalmente no que diz respeito aos seus “sonhos de futuros” e de como ela vê e vive sua vida. Macabéa é narrada como uma mulher que busca, a todo momento, uma maior consciência de si, de sua existência e, também, do seu corpo. O modo como se analisa é sempre com estranhamento, buscando formatar-se para uma vida como ela podia compreender – ao não se enquadrar nesses modelos, estranhava-se.

[...] ao abrir mão do seu direito de dizer sobre si, abre brechas no discurso do outro para que o outro construa sentidos sobre ela. Mediante sua condição de existência, por não ter curvas semelhantes às de Glória, sua colega de trabalho, nem usar estratégias argumentativas usadas por Glória (que é uma “Glória”, como o nome sugere), Macabéa vai se constituindo discursivamente, à margem da sociedade, da profissão, do amor, da linguagem. Ela não se diz, ou pouco se diz; ela é dita pelo outro. Por outro lado, é importante considerarmos que Macabéa, contraditoriamente, transcende esse modo de ser (mal)dita, pois ela questiona sua existência, ela procura saber mais de si, procura construir sentidos sobre si, mesmo inserida em um meio que a desqualifica discursivamente. (LOPES; PAULA; PACÍFICO, 2018, p. 186-187)

Também podemos perceber uma menção muito grande à dimensão do seu corpo, até mesmo em detrimento de reflexões mais profundas sobre o seu psiquismo. O que em algum momento pode soar como uma recuperação ou supervalorização de uma dimensão mais básica, a do corpo, em Macabéa nos chama a atenção pelo fato de se tratar de uma percepção



do corpo como um incômodo. Assim, esse corpo parece não ser suficiente, ainda que ela possa, em algumas passagens, resumir suas experiências e até mesmo economizar energia e vida – o “viver de menos”. A vida é incômoda para Macabéa e o seu corpo traz esse incômodo. Podemos aventar, nessa perspectiva, que há uma certa compreensão instintiva desse mal-estar por parte da protagonista, desse mal-estar em termos psíquicos ou existenciais, mas que esse desconforto é narrado a partir de um corpo concreto, de um corpo ralo e que busca se enquadrar.

3.3. ENTRE APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Mesmo sendo mulheres muito diferentes, originadas de ambientes e classes diferentes, ambas possuem em si um certo desconforto de “ser” e indagações sobre a felicidade e o sentido da vida, sobre quem são. De um lado, Joana: “Sinceramente, eu vivo. Quem sou? Bem, isso já é demais.” (LISPECTOR, 2017, p. 17). E, do outro, Macabéa: “Só uma vez se fez uma trágica pergunta: Quem sou eu? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar” (LISPECTOR, 1998, p. 32).

As questões sobre a felicidade são de marcante presença em ambas as personagens. Ainda criança, Joana pergunta à professora sobre o que era ser feliz e o que acontecia após ser feliz. Já adolescente, pergunta ao professor do internato, pelo qual era apaixonada e tinha grande admiração, o que aconteceria com sua vida: “— O que vai acontecer comigo? — Não sei — respondeu ele depois de um curto silêncio — talvez você seja feliz alguma vez [...]” (LISPECTOR, 2017, p. 49). Quando adulta, retoma esse questionamento ao falar de si mesma para o homem misterioso com quem se encontrava.



Já Macabéa tinha em si uma ingenuidade de autopercepção que lhe permitia viver sem saber que era infeliz: “Ela era de leve como uma idiota, só que não o era. Não sabia que era infeliz. É porque ela acreditava. Em quê? Em vós, mas não é preciso acreditar em alguém ou em alguma coisa – basta acreditar.” (LISPECTOR, 1998, p. 26). A visita à cartomante foi o momento da revelação: “Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim” (LISPECTOR, 1998, p. 76), não só do seu futuro, mas, também, do seu presente e do seu passado. Ela fora autorizada a, enfim, prestar atenção em si própria e perceber a incompletude da sua vida: “Só então vira que sua vida era uma miséria. Teve vontade de chorar ao ver o seu lado oposto, ela que, como disse, até então se julgava feliz.” (LISPECTOR, 1998, p. 79).

A relação das personagens com o feminino e a sexualidade se destaca. Moser (2017) afirma a raridade com que o sexo nos escritos de Clarice era de cunho emocional, sem ter “sentido além do puramente animal” e “nunca como um remédio para o seu isolamento emocional” (MOSER, 2017, p. 372): Joana se sentia presa à instituição do casamento e o usava de forma a satisfazer-se fisicamente; Macabéa, no entanto, pouco descobre sobre sua sexualidade. Tinha claro à mente quem era e quem deveria ser, suprimindo, de certa forma, o vazio que a acompanhava: “E quando acordava? Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser.” (LISPECTOR, 1998, p. 36).

Macabéa era virgem e sobre ela pairavam diversos medos no que se refere à sexualidade e ao prazer. Havia o medo de se tocar e de ver o próprio corpo, de ter algum adoecimento que acometesse o seu aparelho reprodutivo,



de ser violada, de entregar-se a alguém e ter que lidar com as repercussões sociais de não ser mais casta. A sexualidade de Macabéa é narrada como um tabu, reforçando estereótipos que a acompanhavam: trava-se de uma mulher órfã, que viera de uma educação conservadora e que estava sozinha em uma zona periférica, com forte presença da prostituição. Esse tabu também costura o modo como observa Glória tanto em termos de seu corpo, mais robusto que o dela, quanto de sua própria liberdade sexual – em uma possibilidade de “ser” que era diferente da dela. Macabéa observa tudo isso com curiosidade e, também, com espanto.

Em outro momento, ela reflete sobre um sonho que tivera, trazendo um julgamento de valor sobre o que sentiu: “Ou sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada. Quando acordava se sentia culpada sem saber por que, talvez porque o que é bom devia ser proibido. Culpada e contente.” (LISPECTOR, 1998, p. 34). Quando Glória toma de Macabéa seu namorado Olímpico, o narrador Rodrigo S.M também retoma o *ser mulher*, associando-o à existência da personagem: “Penso no sexo de Macabéa, miúdo mas inesperadamente coberto de grossos e abundantes pêlos negros — seu sexo era a única marca veemente de sua existência. Ela nada pedia mas seu sexo exigia, como um nascido girassol num túmulo” (LISPECTOR, 1998, p. 70). No fim de sua vida, o narrador traz a essência de Macabéa: a resiliência de mulher que a sustenta desde o primeiro choro ao nascer é também a força que resiste na morte.

Joana desde criança quis entender o significado das palavras: de onde elas vinham, como eram antes de existir, o porquê de serem do jeito que eram e quais sentidos carregavam. Macabéa, em sua simplicidade, tinha medo das palavras por não saber seus significados. É o que pergunta a cartomante a



ela: “Tem gente que se assusta com o nome das coisas. Vocezinha tem medo de palavras, benzinho? — Tenho, sim senhora.” (LISPECTOR, 1998, p. 75). Não só das palavras, mas do significado delas em sua vida: para a dor no peito que doía “dentro” sem explicação, tomava aspirinas.

- Por que é que você me pede tanta aspirina? Não estou reclamando, embora isso custe dinheiro.
- É para eu não me doer.
- Como é que é? Hein? Você se dói?
- Eu me dôo o tempo todo.
- Aonde?
- Dentro, não sei explicar. (LISPECTOR, 1998, p. 62-63).

Esse mal-estar diz diretamente sobre seu processo de saúde-doença, ou, em outras palavras, como ela vivencia em seu corpo esses processos. Sentimentos de vazio, incompletude e angústia vividos por ambas as personagens demonstram a influência do amadurecimento emocional para a manutenção da saúde não só do ponto de vista psíquico, mas também físico. Em *Macabéa*, por exemplo, a aspirina ocupa um lugar que visa a preencher uma falta. Essa falta que não tem nome pode ser preenchida por um remédio até certo ponto de vista genérico, administrado para diferentes sintomas. Ao não conseguir nomear o que sente justamente pelo fato de temer as palavras, a aspirina atua como algo que pode aplacar seus sintomas – físicos, mentais, psíquicos. A aspirina dá nome, enfim, àquilo que nem mesmo ela consegue nomear, mas que corporifica: o mal-estar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois livros de Clarice Lispector discutidos neste estudo remetem aos processos de saúde-doença vivenciados pelas protagonistas e sua interferência



no panorama da composição de suas identidades. Ao observarmos Joana e Macabéa nota-se que os limites do corpo simplesmente não dão conta de sustentar o que se sente, motivo pelo qual o corpo é narrado como uma forma na qual a alma tenta sempre caber. Essa alma transbordante pelo corpo dá forma e sentido às inquietações dessas duas personagens. Essa porção que transborda também pode ser interpretada como a dimensão de um feminino que não pode ser contido pelas barreiras, formas e interditos sociais impostos às mulheres cultural e socialmente.

Por fim, para além dos aspectos aqui sumarizados em relação ao feminino e à saúde mental, destaca-se o importante papel que a Literatura pode ocupar na formação em saúde justamente por recuperar, a todo momento, aspectos como a sensibilidade, a escuta e a humanização. O cuidado em saúde mental, além das interações humanas, também diz respeito ao aspecto profissional do cuidado, de modo que estratégias de escuta e vínculo são essenciais para que se estabeleça uma terapêutica entre paciente e profissional. Esse acolhimento também é importante para qualquer comunicação e relacionamento, de modo que o que é representado em obras ficcionais também pode ser aproximado das realidades humanas e potencializar diálogos.

Finalizamos, pois, com um convite apresentado por Joana e Macabéa: de que a compreensão da saúde mental possa ultrapassar nosologias e planos terapêuticos que muitas vezes não conseguem traduzir ou conter, de fato, algo que se dá para além do que é narrado ou do que pode ser percebido por meio de exames e investigações sobre o corpo. Joana e Macabéa trazem o desconforto desse corpo – ou a sua insuficiência para narrar tudo aquilo que desejam. As Ciências da Saúde, nesse sentido, podem ater-se a dimensões menos biologizantes das narrativas na assistência em saúde mental, promovendo ou



interessando-se pela escuta dos discursos que ultrapassam nossas tradicionais formas de investigar o corpo, o adoecimento psíquico e, também, o feminino.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. M.; PINHO, P. S.; ALMEIDA, M. M. G. Prevalência de transtornos mentais comuns em mulheres e sua relação com as características sociodemográficas e o trabalho doméstico. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 337-348, 2005.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARVALHO, A. I. Determinantes sociais, econômicos e ambientais da saúde. In: FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz. **A saúde no Brasil em 2030**: prospecção estratégica do sistema de saúde brasileiro. População e perfil sanitário. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.

CERIBELLI, C. *et al.* Reading mediation as a communication resource for hospitalized children: support for the humanization of nursing care. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 81-87, 2009.

FONSECA, R. M. G. S. Espaço e gênero na compreensão do processo saúde-doença da mulher brasileira. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 5-13, 1997.

GUEDES, R. N.; SILVA, A. T. M. C.; FONSECA, R. M. G. S. A violência de gênero e o processo saúde-doença das mulheres. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 625-631, 2009.

GOTLIB, N. B. **Clarice**: uma vida que se conta. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2009.



JUNQUEIRA, L. F. S.; SCORSOLINI-COMIN, F. Psicologia, literatura e saúde mental. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 10, 2021.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. **Perto do coração selvagem**. São Paulo: Mediafashion, 2017.

LOPES, A. P. A.; PAULA, T. S. M.; PACÍFICO, S. M. R. O discurso de/para Macabéa em *A Hora da Estrela*: sentidos possíveis e (in)desejados para o sujeito-mulher. In: GARCIA, D. A. *et al.* (org.). **Quando o feminino grita no poético e no político**. São Carlos: Pedro & João, 2018.

MOSER, B. **Clarice**. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naif, 2017.

NABUCO, G.; OLIVEIRA, M. H. P. de; AFONSO, M. P. D. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde? **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 42, p. 2532, 2020.

ORGANIZACIÓN Panamericana de ja Salud [OPAS]. **Atlas de salud mental de las Américas 2017**. Washington, DF: OPAS, 2018.

POJAR, G. B.; SCORSOLINI-COMIN, F. Um corpo que arde: corporeidade e produção de subjetividade em Clarice Lispector. **Subjetividades**, Fortaleza, v. 20, n. 1, 2020.

PASSOS, C. R. P. Crítica literária e psicanálise: contribuições e limites. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, v. 7, n. 6, p. 166-185, 2002.

PRAZERES, L. L. G. Joana, entre o ser e o tornar-se: a representação do feminino e a viagem em *Perto do coração selvagem*. **Revista Eletrônica de Estudos Literários**, Vitória, v. 10, n. 15, 2014.



REBELLO, I. F. Sobre restaurar fios: reflexões sobre a pobreza em *A hora da estrela*. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 41, p. 219-232, 2013.

ROSENBAUM, Y. **Clarice Lispector**. São Paulo: Publifolha, 2002.

SCORSOLINI-COMIN, F.; FIGUEIREDO, I. A. Concepções de saúde, doença e cuidado em *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 883-897, 2018.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Todos passam pela via crucis: a corporeidade em Clarice Lispector. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 3, p. 623-632, 2010.

SENICATO, C.; AZEVEDO, R. C. S.; BARROS, M. B. A. Transtorno mental comum em mulheres adultas: identificando os segmentos mais vulneráveis. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 8, p. 2543-2554, 2018.

SILVA, A. F. C. *et al.* Domestic violence against women: sociocultural context and mental health of the victim. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 3, 2020.